

# Verbo.

número3\_fevereiro\_de\_2008

## cada vez mais

Nós precisamos de tanta informação para viver?



+ Franklin Martins e a rede pública de TV + Lindsay Waters + A arte de avaliar livros + A importância das feiras universitárias + Os limites da Internet + Cinco perguntas para o presidente da ABEU + Notícias do mercado editorial

# Expediente

## Verbo - Revista Brasileira do Livro Universitário

Número 3 - Fevereiro de 2008

Versão eletrônica em [www.abeu.org.br](http://www.abeu.org.br)

Versão impressa gratuita e dirigida

Equipe de Comunicação da ABEU

Coordenação: Alcides Buss ([alcides@editora.ufsc.br](mailto:alcides@editora.ufsc.br))

Jornalista responsável: Moacir Loth (SC 00397-JP) ([loth@editora.ufsc.br](mailto:loth@editora.ufsc.br))

Planejamento gráfico, diagramação e edição: Bruno Moreschi (SP 47376-JP) ([brunomoreschi@gmail.com](mailto:brunomoreschi@gmail.com))

Reportagem: Artêmio Reinaldo de Souza e Juliana Dal Piva

Revisão: Heloisa Hübbe de Miranda

Presidente **Valter Kuchenbecker** (ULBRA)

e-mail: [presidente@abeu.org.br](mailto:presidente@abeu.org.br)

Vice-presidente **Flávia Goullart** (UFBA)

e-mail: [flaviagr46@hotmail.com](mailto:flaviagr46@hotmail.com)

Diretor Secretário **João Canossa** (FIOCRUZ)

e-mail: [jcanossa@fiocruz.br](mailto:jcanossa@fiocruz.br)

Diretor Financeiro **Honório Nascimento** (UFMS)

e-mail: [honorio@adm.ufsm.br](mailto:honorio@adm.ufsm.br)

Diretor de eventos **Sheila Diab Maluf** (UFAL)

e-mail: [sdmaluf@uol.com.br](mailto:sdmaluf@uol.com.br)

Diretor de comunicação **Plínio Martins** (USP)

e-mail: [edusp.presid@usp.br](mailto:edusp.presid@usp.br)

Diretor difusão editorial **Alcides Buss** (UFSC)

e-mail: [alcides@editora.ufsc.br](mailto:alcides@editora.ufsc.br)

Diretor Norte **Nilson Santos** (UFRO)

e-mail: [nilson@unir.br](mailto:nilson@unir.br)

Diretor Centro-Oeste **Angela Dutra Santos**  
(UCB)

e-mail: [angelad@ucb.br](mailto:angelad@ucb.br)

Diretor Nordeste **Maria Nadja Bittencourt**  
(UNEB)

e-mail: [naddija.nunes@uneb.br](mailto:naddija.nunes@uneb.br)

Diretor Sudeste **Renato Casimiro** (UERJ)

e-mail: [renatocasimiro@hotmail.com](mailto:renatocasimiro@hotmail.com)

Diretor Sul **Neide Zaninelli** (UEL)

e-mail: [eduel.dir@uel.br](mailto:eduel.dir@uel.br)

## Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

Av. Fagundes Filho, 77

Sala 24

Vila Monte Alegre

CEP 04304-010 São Paulo SP

Fone/Fax: (11) 5078-8826

[www.abeu.org.br](http://www.abeu.org.br)

[abeu@abeu.org.br](mailto:abeu@abeu.org.br)

Secretário Rubens Nery

Para ler notícias semanais sobre livros  
universitários, assine o *newsletter* ABEU em  
rede em [www.abeu.org.br](http://www.abeu.org.br)

# Editorial

*Verbo*, a revista brasileira do livro universitário, tem se pautado no compromisso de propor discussões sobre temas urgentes e relevantes associados à questão do livro e da leitura no País. Em suas edições anteriores abordou as perspectivas editoriais frente às inovações tecnológicas; os problemas inerentes ao alto preço do livro no Brasil; e, entre outras coisas, os desafios existentes para uma educação de qualidade. Assim, sem deixar de prestar atenção na história passada, a Revista ousa voltar-se para o futuro, no sentido de buscar premissas e rumos que a todos interessem. No presente número não será diferente. Você, caro leitor e leitora, encontrará considerações acerca de temas cruciais, tais como a angústia do editor ante as pressões da burocracia acadêmica; os difíceis critérios para implantação do *Qualis Livro*; o sentido da vida na era da informação; os limites da liberdade em tempos de Internet; e muito mais, como, por exemplo, as pretensões do governo federal nos domínios da comunicação. Por favor, seja nosso crítico, opine, dê sugestões. A partir do próximo número, a revista *Verbo* terá a coordenação de nosso colega Plínio Martins, da Edusp. A ele e sua equipe, desejamos sucesso.

Alcides Buss

**Página 4 ::: Coluna Trivial :::**

**Comentários sobre o mercado editorial (e o resto do mundo)**

**Página 7 ::: Um é pouco, dois é bom. 1,5 bilhão é demais? :::**

**A reportagem de capa dimensiona a nossa era da informação**

**Página 12 ::: O protetor de livros :::**

**O trabalho de Lindsay Waters, editor de Humanidades da Harvard University Press**

**Página 13 ::: A arte de avaliar livro :::**

**Como dar notas aos livros, a exemplo do que ocorre com os artigos científicos?**

**Página 14 ::: TV pública ou Rede Globo estatal? :::**

**Franklin Martins explica como é o canal de televisão do governo**

**Página 17 ::: A importância das feiras universitárias :::**

**Página 19 ::: A expansão do limite :::**

**A Internet amplia a liberdade (e o território propício para o abuso)**

Índice



# Trivial Trivial Trivial Trivial

## Curtas

**É do ramo.** Não poderia ser menor o sucesso do Blog do Galeno ([www.blogdogaleno.blog.uol.com.br](http://www.blogdogaleno.blog.uol.com.br)). Afinal, o jornalista Galeno Amorim tocou, com sucesso, o Plano Nacional do Livro e da Leitura. São artigos, crônicas e notícias que alimentam e valorizam quem escreve, lê, publica e divulga. Galeno não deixou a peteca cair.

**Mercado dos diplomas.** Não será surpresa, considerando a desenfreada expansão do ensino pago, se aparecer uma Operação Canudos!

**O seqüestro da notícia...** As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) libertaram dos "cárceres do povo" Clara Rojas e Consuelo Gonzáles. Uma leitura oportuna é Notícias de um seqüestro, de Gabriel García Márques, capaz de abrir frestas para o entendimento do que está acontecendo. É jornalismo literário na plenitude. "Jornalismo é, por sorte, o poder sem trono", avisa quando fala dos jornalistas seqüestrados.

**O poder da aranha.** Antes ficção na literatura de Ivan Panchiniak, hoje quase verdade científica. Pesquisadores descobriram que picada de aranha pode resolver problemas de ereção. Paciência: por enquanto, as experiências são com ratos. O Viagra, contudo, pode estar com os dias contados. A toxina conhecida como eretina foi comemorada na USP como "um grande passo". Muita calma nessa hora. A ciência não costuma apostar na ejaculação precoce.

**"Dente" de Coelho.** A pirataria é "um pé no saco" de grande número dos escritores. Mas o escritor Paulo Coelho não se assusta. Ao contrário. Ele mantém um blog chamado Pirate Coelho. Ele pensa que assim é mais lido, fato que esquentaria as vendas. Seria esse seu segredo?

## Não tão curtas

**"O estudante que copiava".** A jornalista, professora e diretora da Editora da Universidade Federal da Bahia, Flávia Goulart Garcia Rosa, entrou definitivamente para a história do livro e da leitura. A ex-presidente da ABEU publicou pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL) o livro *Pasta do professor – o uso de cópias nas Universidades*. Flávia põe os dez dedos nas feridas abertas com o "xerox" de livros cultuados nas universidades com a explícita conivência das Reitorias. A ilegalidade é um tiro no pé, pois mata as editoras e assassina os autores. (E o preço do livro mata quem?) Flávia adiciona memória, pesquisa e substância ao debate. Demonstra, como sublinha José Castilho Marques Neto, que "o problema é muito maior do que um entendimento primário e operacional poderia supor". Ou seja, a questão não se resolve simplesmente pelo equacionamento de medidas legais e/ou punitivas". O buraco é mais em cima! O livro é excelente, mas a sua leitura, pela fratura exposta que apresenta, não é nada agradável.

**Leitores e escritores.** Na comemoração do seu sexto aniversário, o jornal cultural Rascunho produziu material especial com o catarinense Cristóvão Tezza e com o gaúcho Moacir Scliar. Segundo Tezza, "o escritor não pode ser complacente com o texto. Você tem que saber trabalhar, reescrever". Scliar promove a leitura: "Parto do princípio de que o acaso nos ajuda a descobrir coisas surpreendentes. Eu leio tudo". E arremata: "Acho que quem não lê não pode escrever. A gente se torna escritor, porque a gente é, em primeiro lugar, leitor".

**O ano do Machado.** Esse é o "Ano Nacional Machado de Assis". O escritor Joaquim Maria Machado de Assis nasceu, no Rio, dia 21 de junho de 1839, e morreu em 29 de setembro de 1908, ano do lançamento do *Memorial de Aires*. As editoras prometem um festival de lançamentos e relançamentos para marcar o centenário de morte do gênio, reconhecido como tal até por Harold Bloom, um chato. A reedição dos clássicos deverá ser acompanhada de cartas, poemas e contos inéditos que sempre aparecem nessas datas especiais. Não será surpresa se *O alienista* ganhar uma versão em "gibi". E se a biografia Machado de Assis – um gênio brasileiro, do jornalista Daniel Piza, finalmente virar um best-seller!

# Trivial Trivial Trivial Trivial

## Cinco perguntas ao presidente da ABEU

### Valter Kuchenbecker,

da Editora da Ulbra, está no segundo mandato como presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). Foi eleito para o biênio de 2005-2007 em Canela (RS) e reconduzido em Florianópolis para o biênio de 2007-2009. Ocupou os cargos de diretor (na época era vice-presidente) da Região Sul (2001-2003) e vice-presidente da ABEU no biênio 2003-2005.



#### 1. Nesse tempo que o senhor está na diretoria da ABEU, como avalia a evolução do livro universitário?

O livro universitário nas últimas décadas tem sofrido uma grande transformação. As editoras universitárias tem se aprimorado muito, passando do simples trabalho acadêmico encadernado ao mais bem acabado livro. Reuniões, cursos e debates sobre a qualidade do livro e da função do editor, promovidos pela ABEU, tem resultado nesta melhoria. Hoje o livro universitário disputa os melhores espaços nas livrarias junto com a produção editorial brasileira. Não editamos mais apenas para a academia, mas para a sociedade em geral.

#### 2. Quais os desafios já vencidos?

A ABEU hoje é uma associação legítima, forte, organizada, com autonomia, com identidade e com sede própria. A Associação participa ativamente dos grandes

debates e projetos na área do livro e leitura com as demais entidades do livro. Temos um *site* atualizado, temos um boletim de comunicação semanal, o *ABEU em rede* [newsletter semanal] e a revista *Verbo*.

#### 3. E o que falta?

Talvez o grande problema ainda está na divulgação e comercialização. As editoras universitárias precisam encarar o livro como um negócio. Precisamos agir profissionalmente, traçando estratégias de produção, minimizar custos, aumentar receitas, incrementar vendas. Enfim, produzir para o mercado e não apenas para os pares da academia.

#### 4. Como as feiras brasileiras estão se comparadas com outras que ocorrem no mundo?

Não temos do que nos queixar. As nossas bienais são tão ou mais importantes

que as grandes feiras internacionais. No mundo globalizado, as diferenças são muito pequenas, pois tudo se copia. Acho, no entanto, que temos que pensar feiras cada vez mais baratas para o grande público. Não podemos continuar nessa de elitizar as bienais e as feiras. O que precisamos e queremos é vender mais livros e não promover grandes desfiles de grifes e ostentação de estandes maravilhosos. Creio que o mercado editorial não está com essa bola toda. Não podemos querer nos comparar com feiras de moda ou de automobilismo. Precisamos fazer o livro circular por um preço mais acessível.

#### 5. Como avalia o governo Lula em relação às políticas públicas voltadas ao livro?

O governo tem se empenhado na definição de políticas públicas. Promoveu uma grande discussão em torno do livro e da leitura e tem se esforçado na consolidação de um plano para o livro e a leitura, o PNLL. Acho que já avançamos, mas há muito tempo perdido para recuperar. As entidades do livro e a ABEU participam desse mutirão a favor do livro e da leitura. Necessitamos muito de apoio do governo e de políticas consistentes e duradouras para o livro.

A  
o h  
A  
o  
A  
o  
o m  
o m  
o m

# Um é pouco Dois é bom 1,5 bilhão não é demais?

Essa é a quantia em *gigabytes* que o mundo produz de informação dos mais variados tipos. O que fazer com tamanha bonança?

Por Artêmio Reinaldo de Souza, jornalista da Agecom/UFSC



Luara tem apenas 14 anos, Diego tem 15. Além da escola, fazem artes plásticas, academia, inglês e música, além do curso "transdisciplinar". Acessam a Internet para pesquisar, participar de *blogs*, consultar *e-mails*, etc. Como se não bastasse são adeptos também da leitura, algo não muito comum para adolescentes da sua idade. De forma ainda embrionária, os dois podem estar se tornando vítimas da chamada ansiedade de informação, termo criado pelo norte-americano Richard Saul Wurman, autor de um livro com título homônimo: as pessoas ficam angustiadas porque querem saber tudo ao mesmo tempo. "A ansiedade por informação é causada pelo sempre crescente abismo entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre os dados disponíveis e o conhecimento. É preciso escapar dela", observa Wurman. Ou, ao menos, não deixar que ela assuma proporções dolorosas para quem precisa exercitá-la no cotidiano.

E não dá para querer saber tudo ao

mesmo tempo. A popularização da Internet aumentou muito a velocidade e a quantidade de informação transmitida diariamente, e isso multiplicou os problemas causados pela sobrecarga de informação. O mundo virtual, que para muitos representava um refúgio contra os problemas do mundo real, acabou se tornando um reflexo deste em muitos aspectos.

Reportagem do jornal *Folha de São Paulo* diz que o cérebro humano possui mais de 100 bilhões de neurônios. Cada um deles envia sinais para outros 20 mil e recebe sinais de outros 20 mil neurônios. Essa intrincada rede, que capacita o cérebro a receber, assimilar e registrar informações, tem sofrido abalos. O motivo: o homem moderno está cada vez mais exposto a um volume imensurável de informações, que chega a todo instante, de forma veloz e pelos mais diversos meios, o que costuma provocar muita ansiedade.

As pessoas tentam buscar e absorver o máximo de informação no menor tempo possível, mas, em geral, não conseguem

**Ansiedade**  
**o mal da informação**



organizar de forma adequada a aquisição do excesso. O resultado é sentimento de frustração, desgaste mental, fadiga dos neurônios e, em casos mais sérios, um quadro de estresse com conseqüências para o organismo.

Quem nunca se sentiu culpado por não conseguir se atualizar como acha que deveria estar atualizado? Por não conseguir ler todos os livros e artigos que acha que deveria ler ou que achou interessante? E os *e-mails* que crescem a cada segundo, sem que se consiga pelo menos esvaziar a caixa postal antes que novas mensagens cheguem?

Segundo a revista *Veja*, o excesso de informação provoca a angústia típica dos tempos atuais e leva à conclusão de que, às vezes, saber demais é um problema. O eterno sentimento humano de ansiedade diante do desconhecido começa a tomar uma forma óbvia nestes tempos em que a informação vale mais que qualquer outra coisa.

Uma edição de um jornal como o *New*

*York Times* contém mais informação do que uma pessoa comum poderia receber durante toda a vida na Inglaterra do século XVII. Todos os anos são produzidos 1,5 bilhão de *gigabytes* em informação impressa, filme ou arquivos magnéticos. Isso dá uma média de 250 *megabytes* de informação para cada homem, mulher e criança do planeta.

Seriam necessários dez computadores pessoais para cada pessoa guardar apenas a parte que lhe caberia desse arsenal de conteúdo. Atualmente existem mais de três bilhões de páginas disponíveis na internet. Até o início da década de 1990 a televisão brasileira tinha menos de dez canais. Hoje há mais de 100 emissoras no ar, em diversas línguas, com especialidades diferentes.

“O mal-estar de nosso tempo é a inadequação, o sentimento opressivo de que as outras pessoas estão fazendo as coisas certas, lendo os livros que contam e usando os computadores e programas mais modernos enquanto nós estamos ficando para trás





é o suficiente para se tornar um ser digital.

No meio dessa “tsunami” de informações da vida moderna, o sujeito fica perdido e confuso, e atrapalha a vida de pessoas que não sabem lidar com o excesso de informação e acabam desperdiçando momentos preciosos de lazer e descanso. As principais vítimas do estresse digital são trabalhadores que chegam em casa e vão direto para o computador, sonham com a reunião do dia seguinte e, nas férias, o *laptop* e o celular são os primeiros itens da mala de viagem.

Na verdade, o excesso de informação já era uma crônica anunciada pelo futurólogo Alvin Toffler no livro *A Terceira Onda*. Inicialmente, segundo o livro, todos os indivíduos eram nômades. Era necessário caçar para se alimentar e mudar-se para outros locais quando a caça escasseava. Nesse sistema, pessoas precisavam unir forças para derrubar

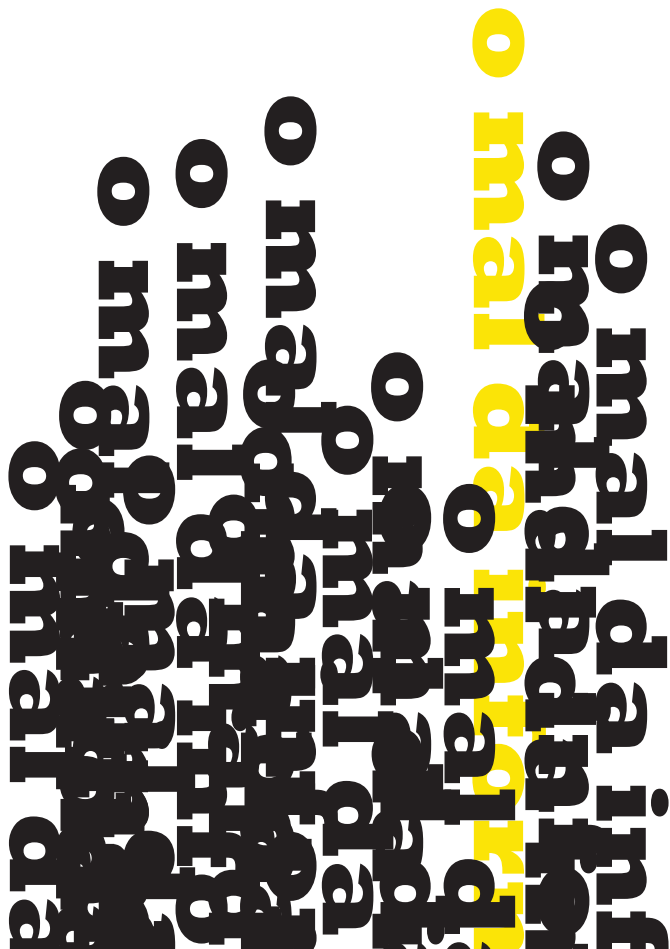
presas maiores e costumavam se reunir ao redor de grandes caçadores.

Com o surgimento e desenvolvimento da agricultura, a sociedade passou pela primeira das mudanças, ou primeira onda. Tendo a habilidade de cultivar o próprio alimento, os indivíduos não mais precisavam ser nômades e não precisavam ser necessariamente bons caçadores. Pessoas passaram a ter um estilo de vida cíclico, baseando-se nos períodos de cultivo e fatura.

A segunda onda surgiu com a Revolução Industrial. Máquinas substituíram o homem em trabalhos pesados e a indústria passou a se basear na produção em massa. A sociedade refletiu tais mudanças organizando-se em grandes corporações regidas por sistema de hierarquias e burocracia.

Por fim, para reagir ao rápido desenvolvimento da tecnologia e ao enorme crescimento da sociedade, tanto em tamanho como em complexidade, veio a terceira onda: a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação. Nesse novo sistema, a tecnologia tornou-se uma ponte entre produtores e consumidores e os indivíduos passaram a se organizar em grupos fluidos, que tentam se adaptar conforme a situação exige.

A obra de Toffler foi publicada em 1980, quando a Internet ainda não era muito conhecida e o lançamento da World Wide Web ainda levaria dez anos para acontecer. Quando a Internet se popularizou na década de 1990, as características da terceira onda se acentuaram ainda mais e o termo “era da informação”, que já não era novo quando o livro foi escrito, espalhou-se. Hoje vivemos na era da informação. E da ansiedade que isso acarreta.



# lapso de idéias 1

POR JÉZIO GUTIERRE



Lindsay Waters tem sido editor universitário por trinta anos. Sua trajetória tem início na University of Minnesota Press, em 1978, e, a partir de 1984, assume o cargo, que até hoje ostenta, de Editor Executivo de Humanidades na Harvard University Press. É especificamente sobre essa vasta experiência que Waters alicerça os argumentos que desenvolve em

1. Enfraquecimento crônico justamente das editoras que mais se ocupam da difusão da produção acadêmica.

2. Queda de qualidade dos volumes produzidos. É francamente impossível que a explosão editorial produtivista consiga manter a qualidade do que vem sendo publicado.

## O protetor de livros

seu último livro: Inimigos da esperança.

Inimigos... é obra apaixonada, escrita por alguém que diariamente experimenta as agruras associadas à produção editorial e respeita profundamente a tarefa acadêmica clássica de preservar, produzir e, principalmente, difundir o conhecimento. Justamente por isso, Waters se preocupa com a corrente desvalorização do livro, peça fundamental da dinâmica científica.

A depauperação do livro, a seu ver, está intimamente associada à enorme quantidade de publicações, tipicamente originadas pela política quantitativa indiscriminada do "publicar ou perecer". O quadro decorrente acarreta algumas conseqüências de alcance profundo:

3. Desastre informacional. Justamente pela proliferação dos trabalhos publicados, o objeto livro é definitivamente dessacralizado e temos, afinal, uma explosão de textos que onera a pesquisa científica: é cada vez mais difícil encontrar a informação relevante. Não deixa de ser contra-intuitivo, para uma época tão orgulhosamente associada à Internet, Google e Wikipédia, que tenhamos hoje esse tipo de alerta.

Qualquer um desses problemas presentes em nosso horizonte editorial, intelectual e acadêmico sugere discussão complexa. Razão, portanto, mais do que suficiente para justificar o caráter fértil e polêmico da obra do professor Waters e o grande interesse que tem despertado em todos que partilham dos mesmos objetivos, editoriais e acadêmicos, ainda que não necessariamente aceitando seus diagnósticos ou suas sugestões terapêuticas.



## lapso de idéias 2

POR ALÚSIO BARROS (Universidade Federal de Pelotas, RS)  
RICARDO VENTURA SANTOS (Fundação Oswaldo Cruz, RJ)

Existe no Brasil um sofisticado sistema de avaliação da pós-graduação (mestrado e doutorado). Implantado na década de 1970 e em constante aperfeiçoamento, envolve o acompanhamento anual e uma avaliação trienal de mais de dois mil programas de pós-graduação. À esta dinâmica de avaliação continuada, conduzida pela Capes, fundação ligada ao Ministério da Educação, tem sido atribuída, em larga medida, a expansão e a consolidação do sistema de ciência e tecnologia no país.

As avaliações dos programas de pós-graduação, agrupados por áreas do conhecimento, são conduzidas por comissões compostas por docentes pesquisadores do CNPq, oriundos dos programas mais bem avaliados ("avaliação pelos pares"). As comissões se debruçam sobre um conjunto de indicadores baseados em informações enviadas pelos programas, relativos à estrutura, corpo discente, corpo docente, projetos de pesquisa, produção acadêmico-científica, participação em atividades extra-acadêmicas, entre outras.

Por certo, um dos elementos mais centrais da avaliação da pós-graduação diz respeito à produção científica, em particular na forma de artigos em periódicos, capítulos e livros. Nos últimos anos, houve um esforço considerável de aperfeiçoamento do

Isso porque algumas subáreas da Saúde Coletiva têm forte relação com as Ciências Sociais, de modo que capítulos e livros constituem veículos importantes de expressão da produção científica. Para se ter uma idéia da importância desses veículos, uma análise realizada por Leandro Carvalho e colaboradores (publicada em *Cadernos de Saúde Pública*, volume 23, fascículo 12, 2007) mostra que, em um periódico importante da área da Saúde Coletiva, 26% das citações bibliográficas dos artigos são de capítulos e livros. Em algumas subáreas, como artigos em "Planejamento e Políticas de Saúde", a porcentagem é de 34%, atingindo 49% nos artigos em "Ciências Sociais em Saúde". Tem-se observado, a cada avaliação, que do total da produção científica da Saúde Coletiva, cerca de um terço se dá na forma de livros ou capítulos.

Nas atuais discussões da avaliação da pós-graduação da Saúde Coletiva coloca-se a seguinte questão: como realizar a avaliação dos livros e capítulos? Por exemplo, não há para livros, à semelhança dos periódicos, um sistema de indexação em bases bibliográficas, que é o alicerce do *Qualis Periódicos*. Artigos publicados em periódicos, sobretudo naqueles de maior prestígio, passam por um processo de revisão pelos pares, o que não é necessariamente o procedimento de todas as editoras para seus livros. Enquanto artigos são publicados

## A arte de avaliar

chamado *Qualis Periódicos*, que serve de base para a avaliação dos artigos divulgados em revistas. Trata-se de um sistema que hierarquiza os periódicos em três níveis de acordo com sua circulação (Internacional, Nacional e Local), cada um deles subdividido em A, B e C, em função da importância do veículo. Assim, para ser classificado como Internacional A, o periódico deve estar indexado nas principais bases bibliográficas internacionais. Por sua vez, um periódico Local C é aquele de menor prestígio e circulação na área.

Não há espaço neste texto para aprofundar questões ligadas ao *Qualis Periódicos*, inclusive as dificuldades enfrentadas – exemplos: como dimensionar impacto? que bases bibliográficas utilizar? qual a cobertura que essas bases dão para periódicos publicados fora do circuito europeu e norte-americano? O que nos interessa enfatizar é que o artigo científico não é avaliado em si, mas tem o seu *Qualis* derivado do periódico no qual foi publicado. A premissa é que os melhores periódicos publicarão o melhor da produção científica. O fato é que o sistema *Qualis Periódicos* encontra-se relativamente bem consolidado para fins de avaliação, o que não quer dizer que não passe por contínuos ajustes.

Em várias áreas, incluindo a Saúde Coletiva, um grande desafio contemporâneo é o desenvolvimento de um *Qualis Livros*.

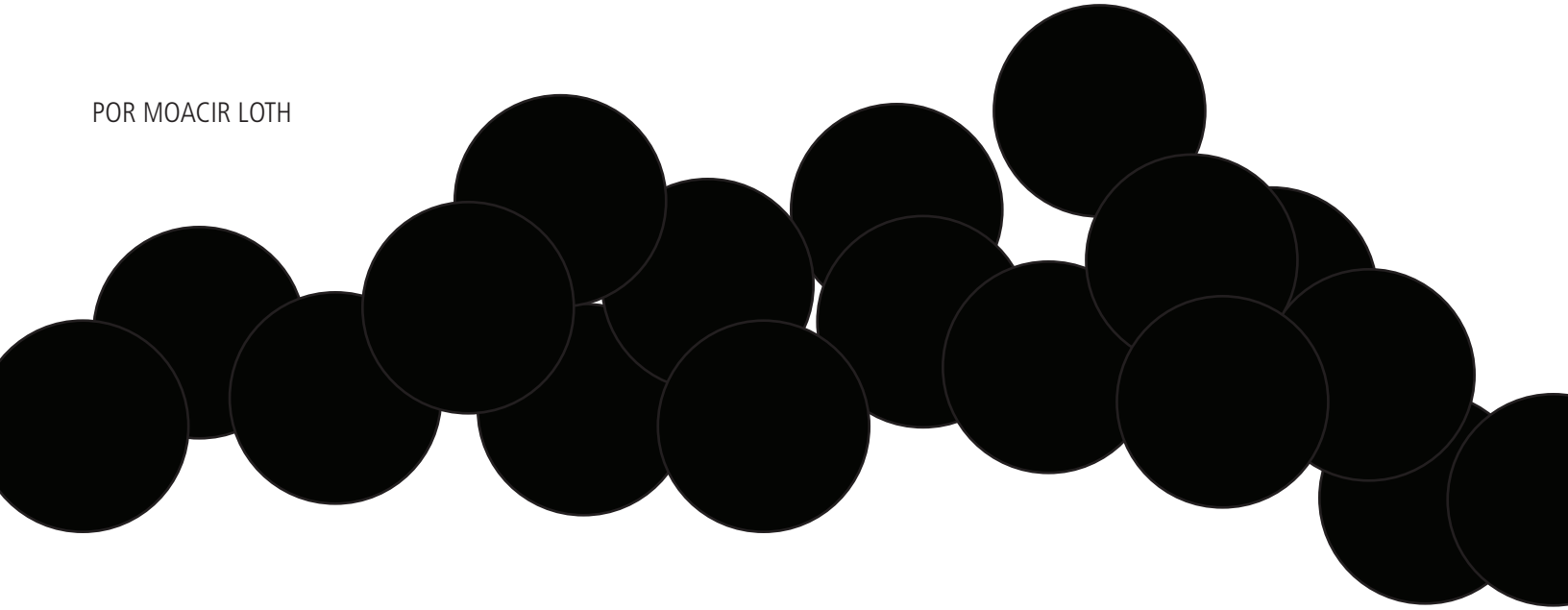
uma única vez (de modo que é possível demarcar relativamente a produção de pesquisadores, grupos e instituições), livros podem ser reimpressos e/ou reeditados, nem sempre envolvendo modificações profundas de conteúdo. Enquanto há uma crescente tendência de disponibilizar artigos na Internet, seja através de acesso livre ou em sites que demandam assinatura, a circulação de livros e capítulos é comparativamente bastante mais restrita, sobretudo em uma escala internacional.

Algumas alternativas estão sendo pensadas para fins do *Qualis Livros*. Uma delas é a análise direta dos livros e capítulos pelas comissões de avaliação, ao menos de uma parcela da produção. Uma outra possibilidade é a criação de uma classificação de editoras, à semelhança das subdivisões do *Qualis Periódicos*. Neste caso, faz-se necessária a identificação de um conjunto de critérios que permita esta classificação.

Para dizer o mínimo, são muitos os desafios na concepção e implantação de um *Qualis Livros*. Contudo, não há dúvidas que é um passo primordial no avanço do processo de avaliação da produção científica no âmbito do sistema de pós-graduação brasileiro. É uma tarefa premente e que ocupa e ocupará um lugar central na agenda de discussões de várias áreas do conhecimento em períodos vindouros. Para a Saúde Coletiva, é uma questão vital.

# TV Pública ou Rede Globo estatal?

POR MOACIR LOTH



Avança a proposta do Governo Lula de criar e implantar uma TV Pública, a TV Brasil. A missão foi entregue a um ex-guerrilheiro e ex-funcionário da Rede Globo. Demitido da função de comentarista político, Franklin Martins, com *status* de ministro, assumiu a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Sua missão divide opiniões e alimenta temores. Há quem enxergue aí a inspiração no modelo de comunicação chavista. Mas outros percebem na iniciativa uma alternativa democrática para quebrar com o monopólio. E existem aqueles que não vêem uma coisa nem outra. A tela é escura.

A revista Verbo participou de uma conversa com o ministro Franklin

Martins em Brasília. O encontro também contou com a presença do Ministro da Educação, Fernando Haddad, diretamente interessado e engajado na causa por razões óbvias, as TVs Universitárias e Educativas. (“A TV Pública abre novas possibilidades de comunicação e para esse cenário a educação tem que estar preparada”, assinalou).

Na conversa com assessores das universidades federais, o ministro Franklin Martins procurou ser didático. Como foi divulgado, está em curso um projeto visando à criação de um “sistema de comunicação pública, integrando rádio, TV e Internet e englobando TVEs, TV Cultura, TVs Comunitárias e TVs Universitárias”. O contexto e a realidade em que a proposta se apresenta são diversos, abrangendo, por exemplo, recursos, ideologia, experiência e funcionamento. O ministro lembra, nessa conjuntura, que a TV Digital abre perspectivas e possibilidades extraordinárias para TV Pública, mas,

conforme adverte, também pode liquidá-la. “Está saindo o último trem para TV Pública no Brasil”. Quer dizer, na sua visão, é vital levantar (“soerguer”), viabilizar uma rede de TV pública na virada da TV Digital (que adotou o modelo japonês). Imagina-se para a nova TV um modelo de rede horizontal, descentralizado, sem vínculo direto e exclusivo ao Planalto.

Franklin Martins acena com um modelo de gestão pública, isto é, algo que a sociedade possa controlar, fugindo, em suma, do “tacão” dos poderes locais (governador, prefeito, reitor etc). “Precisa ser plural. Praticar um jornalismo que busque a isenção.” O ministro pensa que

conhece, gente do ramo.

Franklin enfrenta obstáculos e desconfianças. Fernando Morais, autor de *Olga*, diz que é a favor “desde que a TV Pública não se transforme em um diário oficial eletrônico”. O ministro “luta” para afastar essas “ameaças”.

– A programação da TV teria que buscar o equilíbrio: nem oposição demais, nem chapa branca em demasia, preservando, acima de tudo, o interesse público.

### **E o mercado?**

– Penso, inclusive, que o setor privado deveria criar um conselho para melhor atender aos interesses do conjunto da população.

Os perigos do sistema público, evidentemente, moram ao lado. Durma com o inimigo, se fores capaz!

“não devemos renunciar de ser felizes, embora isso seja muito difícil, utopia”. Esse modelo, esclarece, “seria uma TV aberta que estimule e pratique o espírito crítico; que ajude a cidadania; e que simultaneamente, busque o novo, a transformação social”.

### **Como tal concepção seria tangível?**

Franklin Martins diz: “nós formaríamos um conselho para fazer cumprir os princípios da TV Pública, que não seria, evidentemente, uma TV estatal”. O ministro deixa enfatizado que o conselho não pode ser um “amontoado” de entidades. “Não podemos confundir uma soma de corporações ocupando o lugar da sociedade”, avisa.

### **Qual, então, a saída?**

Seriam pessoas que expressam a pluralidade, os diferentes “brasis” – gente que

É óbvio, reconhece o ministro, considerando-se os princípios de uma TV Pública, a torneira de recursos não pode ficar na mão do Palácio ou dos ministérios que cuidam do erário, da grana. “Não subestimem a capacidade da área econômica do Governo em sentar em cima do cofre”, grifou.

### **A idéia é boa, mas como fazer?**

– Para a construção da rede é preciso fundir e unir as estruturas que estão ligadas ao Estado; é preciso, nesse sentido, montar uma entidade para cuidar exclusivamente da área.

Vislumbra, nesse caso, estabelecer parcerias com as TVs, incluindo aí as universitárias. Planeja-se uma grade comum e simultânea, ou seja, a TV Pública



exibiria a mesma concepção de programação 24 horas ("Quatro horas de programação local – mesmo horário-; Quatro horas de produção independente – via editais de licitação, garantindo a qualidade etc). Martins quer abrir mais espaço para a produção cultural e ao debate.

### **E o mote, qual é?**

– A TV Pública fará, basicamente, jornalismo. O resto, contrata, terceiriza, o que significa chamar para dentro da programação a sociedade. Em contrapartida, o Governo deverá prever recursos para essas TVs capacitarem seus recursos humanos e ingressarem no mundo digital (TV).

### **Esmola?**

As TVs universitárias não foram esquecidas. Elas podem aproveitar à vontade a produção da TV Brasil. Serão estimuladas a produzir programas para a rede, cuja programação será nacional e simultânea.

### **Reféns? Qual será a autonomia da universidade na definição da grade?**

O diferencial da universidade é a pesquisa, inclusive no que diz respeito à própria TV Digital. Após a reunião do ministro Franklin Martins com os assessores de comunicação, as universidades deram um passo importante, antecipando-se, de certa forma, à própria TV Pública.

Com amparo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), nasceu a RedelFEs, que irá compartilhar a produção das TVs universitárias, mostrando e mantendo a visibilidade do perfil da universidade pública, pouco conhecido e menos ainda divulgado pelo próprio Governo Federal.

O conselho, certamente, servirá melhor à TV Pública e à população se for independente do Governo.

*- A matéria foi produzida antes do anúncio oficial da criação da TV Brasil, bem como da posterior nomeação do Conselho, que inclui, entre outros, figuras como o ex-ministro da ditadura Antônio Delfim Netto.*

*- A relatoria da MP que cria a "TV Pública" defende um fundo específico capaz de assegurar recursos suficientes para "manter" a autonomia e a independência em relação ao Planalto.*

# A importância das feiras universitárias

Criar espaços públicos de leitura é democratizar o acesso à cultura e estimular a discussão da produção literária

POR SHEILA MALUF, diretora de eventos da ABEU

O hábito da leitura deve ser incentivado desde cedo e cabe aos pais mostrarem aos filhos que o livro é um amigo permanente e que tem muito a oferecer. Nas escolas os professores mostram a importância da leitura e do livro, mas nem sempre acompanhada de sedução suficiente para despertar o interesse das crianças.

De maneira geral, é preciso ainda muito investimento, pois pesquisa recente mostra que das 172 mil escolas de Ensino Médio, apenas 46 mil contam com biblioteca ou sala de leitura. O quadro melhora no Ensino Médio, com 80% das escolas com sala de leitura. Se considerarmos que uma em cada quatro crianças não tem nenhum livro em casa, devemos incentivar ainda mais as bienais e feiras de livros que investem e apostam na conquista de novos leitores. A correlação entre a prática da leitura e notas melhores é comprovada e registrada nas instituições de ensino.

As bienais e feiras promovem ações que podem e devem ser complementadas em salas de aula e louvados sejam todos os

Divulgação



esforços empreendidos em campanhas específicas para estímulo e fixação do hábito da leitura.

A visita escolar nas feiras de livros e bienais é fundamental para a democratização e acesso aos livros e à literatura, despertando, promovendo o hábito da leitura e fortalecendo a educação, base de qualquer nação desenvolvida.

As bienais e feiras se superam a cada edição. A programação cultural é diversificada, e proporciona contato pessoal com autores de diversas áreas. Têm por objetivo divulgar a cultura local, nacional e, em alguns casos a internacional, além de

A importância das feiras universitárias

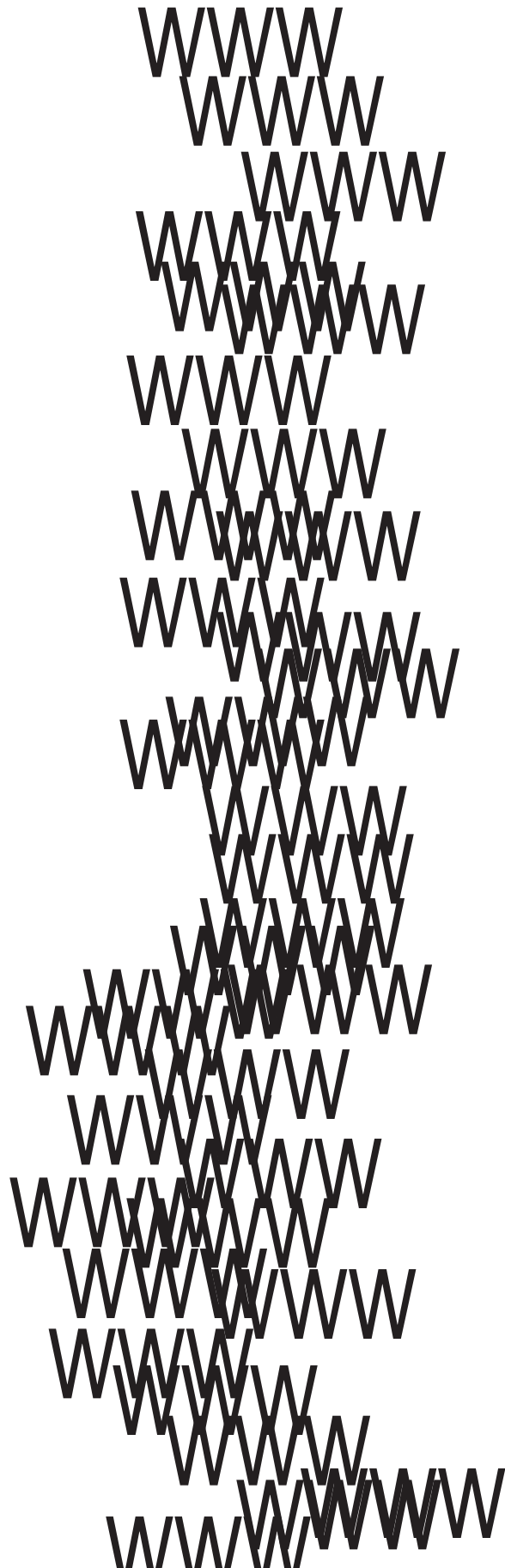
consolidar e ampliar o número de leitores.

Os cafés literários sempre atraem público porque facilitam a reunião com autores que discutem a atual produção literária. A presença de palestrantes, intelectuais, estudantes, livreiros e curiosos, com o propósito de discutir literatura, promovem o encontro e mostram os benefícios da interação com o leitor.

As sessões de autógrafos, os contadores de histórias, *performances* teatrais e estandes decorados fazem tudo para seduzir e convidar o público infanto-juvenil e adulto a saborear o prazer da leitura.

Cada livro é uma nova viagem! Os livros são condutores de sonhos de uma nova vida a partir do saber. Exploram caminhos desconhecidos, novas possibilidades de viver e transformar o mundo. Daí, acreditamos e creditamos o sucesso das bienais e feiras a constante conquista dos velhos e novos leitores e ao poder de sedução e magia que os livros nos proporcionam.

Só nos resta torcer para que os governantes, nas diversas esferas, incentivem e patrocinem eventos com essa finalidade, pois o retorno é imediato para uma melhor educação, interação com a sociedade e melhoria de vida de uma maneira geral.



## A internet ampliou os conceitos de liberdade (e de abuso)

POR JULIANA DAL PIVA

Limite foi um conceito que se expandiu com o surgimento da Internet. Se o problema era espaço, agora não há mais do que reclamar. A rede mostrou-se como alternativa a inúmeros serviços, publicações e conteúdos que não tinham vez nas mídias tradicionais. Mas a questão é que a ampla possibilidade de acesso não previu os abusos que poderiam acontecer, para muitos a *world wide web* (www) é simplesmente uma forma mais moderna e eficiente de cometer crimes.

Vírus, falsificação de cartões de crédito, clonagem de celulares, pedofilia, injúria, violação de contas bancárias e recentemente também ameaças de assassinato. A lista é grande. O Brasil é vice-líder em roubo de dados bancários – através dos chamados “cavalos de tróia” – com cerca de 18,3% dos ataques no mundo. No ano passado o número de incidentes de segurança ultrapassou os 80 mil, de acordo com o Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (Cert.Br). Em 2000, foram 5.997.

*Orkut* e *blogs* também não fogem aos ataques. As agressões são tantas que estes usuários já ganharam uma designação própria: *troll* – criatura mitológica de má fama. Protegidos pelo anonimato, eles perturbam o mundo da *blogosfera* com recados e comentários ofensivos. Em abril de 2007, a ameaça de morte a *blogueira* Kathy Sierra elevou a questão. Um grupo de perseguidores deixou ofensas na página pessoal da escritora, além de ter criado sites para publicar imagens e textos ameaçadores. Sierra não atualizou mais seu *blog* depois de ter visto uma fotomontagem em que aparecia sufocada e violada.

O caso se tornou símbolo na criação de regras que façam a moderação nos *blogs*. O empresário Tim O’Reilly, auxiliado por outros nomes da Internet atual, como Jimmy Wales (criador da Wikipédia) e Angela Beesley (co-fundadora do *wikia.com*), formularam o Código Conduta dos *blogueiros*. Em entrevista à

*Folha de S. Paulo*, Beesley afirmou que o resultado é uma obra em constante construção. “Mais de cem usuários participam do projeto criando e comentando”, revelou.

Atualmente muitos *blogs*, comunidades e usuários do *Orkut* fazem uma gerência antes da publicação. No Brasil, *blogs* conhecidos como o do jornalista Juca Kfoury ([blogdojuca.blog.uol.com.br](http://blogdojuca.blog.uol.com.br)) e o do ex-ministro José Dirceu ([blogdodirceu.blog.ig.com.br](http://blogdodirceu.blog.ig.com.br)) contam com secretárias que lêem e apagam recados ofensivos antes de publicar.

O anonimato também tem sido alvo de críticas de usuários e analistas da rede. Em julho de 2007 a sede do Google, nos EUA, fez um acordo com as autoridades brasileiras. A medida facilitará o bloqueio de páginas suspeitas e o acesso a dados dos usuários nos estados do RJ, PE, CE e MG. Tramita no Senado Federal um projeto de lei pedindo o fim do anonimato na rede, tornando obrigatória a identificação. O projeto é do senador Eduardo Azeredo, de Minas Gerais.

Rogério Christofolletti, professor da Univali e pesquisador de credibilidade e conduta na *blogosfera*, diz-se a favor da liberdade de tráfego na rede. “Penso que deve haver outras soluções para o problema. Como usuário, me revoltou quando me deparei com restrições deste tipo. Acredito que se precise trabalhar melhor a formação do usuário, conscientizando de certos perigos que podem colocar a rede como um todo em risco”, explica.

O pesquisador também se diz contra o anonimato na rede. “Veja que a minha defesa pela transparência não é contraditória à minha defesa prévia da liberdade de trânsito na *web*. Ambas estão amparadas por leis e protocolos internacionais. O cidadão comum tem direito de ir-e-vir, mas não pode fazer desse direito uma forma de afrontar alguém e hostilizá-lo sob a máscara de proteção do anonimato.”

